



# Inspiração Miscelânea

Jornal feito em parceria com o Diretório Acadêmico de Arquivologia  
Gestão 2009-2010 – Ed. nº7 – Maio de 2011

## EXPEDIENTE

### Coordenação

Bruno F. Leite  
Flora Sineiro

### Divulgação e diagramação

Alessandra Perez  
Flora Sineiro

### Revisão

Profa. Rosale de M. Souza

### Entrevistas

Edgar de C. Santana  
Fernanda Blanco  
Gabrielle do Rosário W. Correia

### Chargista

João Anderson

## EDITORIAL

Mais uma vez o *Inspiração Miscelânea* conta com excelentes contribuições. Nosso jornal está cada vez mais no rumo que idealizamos para ele: ser construído a partir da colaboração de estudantes, professores e formados da área arquivística. O que não significa que não aceitamos textos de outros segmentos, porém estes deverão minimamente abordar um matiz ou discussão sobre arquivos e a arquivologia.

Nesta edição, contamos com um texto de Patrick D. Ribeiro, formado em Arquivologia e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – IBICT/UF RJ. Seu texto possui o título “A união (virtual) faz a força”, no qual o autor traça um paralelo entre o mundo real e a internet, demonstrando alguns dos aspectos positivos deste “mundo virtual”; um texto do professor Sérgio Conde de Albite Silva (DEPA/UNIRIO), intitulado “O privilégio

de estudar em uma universidade pública federal no Brasil”, onde o autor demonstra que este “privilégio” de se estudar numa universidade pública federal é, na verdade, um paradoxo à democracia; recebemos também, um texto de Jacqueline Ribeiro Cabral, graduanda do 3º período em Arquivologia pela UNIRIO, com o título “Entre o documento e a informação: impressões de aprendiz”. A autora nos leva a uma reflexão sobre a interdisciplinaridade entre Arquivologia e História. Seu texto trata sobre o conhecer e o fazer. Destacando que, por vezes, o acúmulo de conhecimentos, se não usados, são simplesmente acúmulo de conhecimentos.

Como desde a edição passada (6ª), mantemos uma coluna escrita por *Chica Blanco*, estudante de Arquivologia pela UNIRIO, do 6º período. Em seu texto, a autora trata da “novela” que se tornou a construção do Bandeirão ou Restaurante Universitário<sup>1</sup> da UNIRIO. Desta vez, o texto de *Chica* possui o título de “A queda que precede o renascimento”.

Leia também, nesta edição, na seção “Rapidinhas”: uma chamada sobre o XV ENEArq 2011; informações sobre o I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática (CBPD); e um texto/homenagem ao Dia do Trabalhador.

O jornal conta também com o um artigo/informativo do Diretório Acadêmico de Arquivologia José Pedro Pinto Esposel (DACAR/UNIRIO). Conforme solicitação do DACAR, seu espaço passará a se chamar “InformArquivo”, como consta no Estatuto do respectivo Diretório.

Em fim, boa leitura! e não esqueça de acessar nosso site: <http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Linha editorial:

1) Nosso jornal é um espaço que não tem vinculação com política partidária, de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no

---

<sup>1</sup> O nome ainda é um mistério.

mínimo, tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que acusações ou críticas diretas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou opiniões de outros autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e/ou demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos/autores, buscamos apenas dar um norte aos textos e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo – assim como nossos colaboradores –, serão os discentes, docentes e os formados do nosso curso;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, informativa, reflexiva, crítica.

A equipe.

## A QUEDA QUE PRECEDE O RENASCIMENTO

*\*Por Chica Blanco*

Pois é, começaram enfim as obras para o bandejão, que, na verdade, nem bandejão deve ser, pois existem boatos de que será um RU. O que seria um RU? Não, não é a palavra RUA sem o A, um RU é um restaurante universitário. E então, o que seria um restaurante universitário? É basicamente um bandejão, com a comida igualmente “super saborosa”, mas que custa beem mais do que um bandejão “oficial”.

Há comentários de que o quilo iria custar em torno de R\$08,00, mas por enquanto tudo está nebuloso, as informações podem não passar de boatos, porém, me espantei ao ouvir comentários de certos alunos sobre o possível fato. Ao saberem do peso do quilo, algumas pessoas comentaram que isso é “perfeito” e que não se importam que não custe os adoráveis R\$00,70 da UFF, afinal, por peso tudo fica melhor, já que nem comem tanto... Bom, acho que não preciso comentar que eram moças, que são daquelas que vivem de dieta e que possuem dinheiro suficiente para lancharem num shopping diariamente, caso o RU deixe de funcionar. Achei um egoísmo tão imenso nessas palavras que ouvi, que simplesmente me recusei a continuar presente.

E depois desse momento lamentável, me deparo com a obra no local. Não sei explicar bem o motivo, mas ver coisas destruídas (ainda que seja para um benefício) me dá um nó na garganta... Comparo essa sensação com a de ver um animal morto na rua, é uma dor que me abate na mesma hora. Sei que essa obra é muito esperada e sei que

aquela cantina, além de ser meio careira, era meio murchinha, mas não pude evitar o sofrimento repentino ao ver o prédio se transformar em ruínas. Às vezes acho que devia ter feito arquitetura, porque tenho um respeito por construções como se tivessem vida própria!

E foi então que eu percebi, por acaso, o que mais me incomodava naquela nova paisagem: Era a falta do verde. Lembro de sempre tropeçar nas raízes da árvore em frente quando saía do CCH correndo para uma aula no CLA, do alívio de correr fugindo da chuva e finalmente chegar perto da grande árvore de raízes aparentes, onde suas folhas confortavam meu corpo do desespero por um lugar mais seco antes que eu chegasse à cantina, aí lembro também dos galhos sendo cortados, da serra com aquele barulho angustiante e meu estômago nervoso, como se estivesse presenciando uma morte, pois era exatamente aquilo que estava acontecendo.

Como já disse, a construção do RU representa, ainda assim, uma vitória para todos nós. Pena que nem sempre as pessoas possuem paciência (ou podemos chamar de “inteligência”?) para fazer com que natureza e civilização convivam em harmonia, mas não podemos desanimar. Muitos nem estão ligando, como não ligaram quando aterraram o laguinho em frente ao CLA, pois acham muito mais importante o elevador estar funcionando (como se rampa matasse), por exemplo. Mas, existem pessoas que pensam nisso, existem sim. E para essas pessoas, digo o mesmo que repito para mim mesma: As folhas voltam a crescer, os galhos crescem, porque a natureza é a própria fênix, ela renasce das cinzas (ou cortes).

Então é isso, vamos aguardar este show de vida e morte, destruição e construção, até que nosso querido (espero) RU surja. E esse não será o fim do jogo, porque estaremos ganhando não um bônus, mas apenas o que nos é de direito. E se depois descobirmos que algo não está acontecendo como planejado, que os preços estão abusivos ou qualquer coisa do tipo, bom, é só entrarmos em mais uma luta.

A maior parte dos estudantes ainda não têm noção do poder que possuem. Não perceberam ainda a razão fundamental para não desistirmos dessas lutas: A universidade nos pertence.

*\*Chica Blanco*

*6º período de Arquivologia – UNIRIO*

## ENTRE O DOCUMENTO E A INFORMAÇÃO: IMPRESSÕES APRENDIZ

*\*Por Jacqueline Cabral*

Sou aluna do terceiro período de arquivologia e gostaria de poder colaborar com algumas palavrinhas nesta excelente iniciativa que é o *Inspiração Miscelânea*. Na verdade, estava procurando arregimentar algo parecido desde que entrei no curso em 2009 e, no entanto, por conta de minha outra carreira como historiadora e outros motivos de força maior, fui obrigada a trancar a faculdade duas vezes. Foi uma decisão bastante difícil, já que frequentar a Escola de Arquivologia na Urca é uma das coisas que mais me agradam na vida.

Antes de mais nada, gostaria de dizer que, de certa forma, me identifiquei com o texto de Chica Blanco. Cheguei muito mais longe na faculdade de história, tendo cursando bacharelado, licenciatura, especialização e mestrado para reconhecer que, muitas vezes, fui levada pelas circunstâncias e oportunidades que se apresentaram, tornando-me uma pesquisadora bolsista por um bom tempo, uma verdadeira “estudante profissional”, como se diz.

Quero dizer com isso que sempre me perguntei o que estava fazendo neste ou naquele trabalho mais ou menos prazeroso, como ainda continuo tentando vislumbrar um “propósito”. Tudo isso parece uma questão existencial demais, não? Isso depõe contra mim? Depende do ponto de vista. Talvez seja a própria dinâmica da vida de boa parcela das pessoas, mas nada foi em vão e tudo vale a pena ou merece ser vivido. Toda a minha formação pretérita não será infrutífera para a que estou levando a cabo agora. Antes, será como que um *upgrade*, um aperfeiçoamento recíproco, espero. Até porque, não pretendo fazer nada sozinha: o encontro com o outro é o que almejo de todo coração, de toda alma, de todo corpo.

Todos temos nossas idiossincrasias, mas sem pedantismo, me parece que ninguém é melhor que ninguém com ou sem títulos a mais ou a menos. Todos somos potencialmente iguais e ter mais ou menos conhecimento não é muito diferente de ter mais ou menos grana e outras bens materiais que de nada servem a não ser para ostentar nossos vazios e carências. Trata-se de uma questão de saber usar tudo isso, não enclausurar-se em posses vãs que de nada servem se não formos a única coisa que vale a pena nesta vida: ser. E ser inteiro.

Bem, vou parar com a viagem meio transcendental por aqui e tentar ir ao ponto que realmente interessa. Desde que cheguei no terreno da arquivística, sinto uma clara animosidade em relação à Clio, a deusa da história, filha do tempo, e a seus “discípulos”, por assim dizer, os historiadores. Foram os que deram os primeiros passos para a delimitação da Arquivologia não só como técnica, mas como saber estruturado e, ainda assim, todos parecem torcem o nariz de um lado e de outro. O que houve com aquele antigo *esprit de corps* medieval onde a filosofia era a mãe de todas as outras áreas em comunhão com o todo? Que interdisciplinaridade é essa em que cada qual tenta resolver “problemas” a partir de seus próprios pontos de vista supostamente objetivos e, no fim das contas, fecha-se os ouvidos ao que as outras disciplinas tem a dizer? No máximo, chegamos a uma colcha de retalhos, à fragmentação da realidade, ao mercado transitório de autores e escolas em rápido processo de desencantamento, como todo o resto...

De certa forma, a recíproca – a desconfiança da História em relação à Arquivologia – também é verdadeira. Minha decisão definitiva de concorrer ao vestibular para Arquivologia foi bastante estimulada pela tentativa de confrontar críticas que me pareciam bastante precipitadas de uma colega sobre a forma de classificação arquivística considerando, de acordo com o ponto de vista dela, apenas a terminologia e não o contexto de produção dos documentos. Existem muitos conflitos de identidade e gerenciamento entre os profissionais das duas áreas e uma série de impropriedades que eu gostaria de desenvolver num artigo mais aprofundado, tentando explicar melhor minhas impressões de aprendiz.

Para não me estender mais, creio que por trás de boa parte dos equívocos entre arquivistas e historiadores deve-se considerar a questão primordial da definição do objeto da arquivística, qual seja, o debate entre documento e informação. A noção de revolução ou de ruptura como proposto por Thomas Kuhn (1922-1996) em seu clássico *A estrutura das revoluções científicas* (1962) tem sido muito utilizada como referencial pela epistemologia das ciências. Quando a ciência já não pudesse mais responder às novas questões que se apresentavam, uma crise atingia em cheio toda a comunidade científica até que um outro paradigma pudesse substituir com mais eficácia aos desafios mais recentes.

Outro estudioso, inclusive bem mais antigos que Kuhn, como o médico e biólogo polaco Ludwik

Fleck (1896-1961), afirmava que objetos científicos são resultado de ciência acumulada, da circulação do conhecimento entre a comunidade científica. A maior crítica ao pensamento kuhniano seria o de que o mesmo não dá conta da “incomensurabilidade” entre os paradigmas científicos. Especula-se até que Kuhn tenha se apropriado das idéias de Fleck, que não publicou muito e permaneceu desconhecido por ter sofrido com a perseguição nazista.

Sua obra principal foi lançada em alemão no ano de 1935 e traduzida para o inglês apenas em 1979 sob o título *The Genesis and Development of a Scientific Fact*. Existe uma versão em espanhol da obra e parece que uma editora brasileira já está providenciando o texto em português. A abordagem de Fleck considera o conceito de “pensamento coletivo” ou “estilo de pensamento” – também muito cara ao filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) –, para tentar entender como trabalham os pesquisadores. A verdade seria um ideal impossível de atingir e o desenvolvimento das idéias científicas não seria nem unidirecional nem mero resultado de acúmulo de novas informações, mas a coexistência, sempre “desconfiada”, com idéias antigas.

Todos os meus professores são unânimes em dizer que ainda há muito o que produzir no campo teórico da arquivologia, mas na minha inocência de quem ainda engatinha na área, suponho que Fleck tem muito a contribuir na discussão sobre essa “passagem” de paradigma entre documento e informação...

*\*Por Jacqueline Cabral  
3º período de Arquivologia – UNIRIO*

## **O PRIVILÉGIO DE ESTUDAR EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL NO BRASIL**

*\*Por Professor Sérgio Conde de Albite Silva*

Compensa-me a idéia de que a Universidade, com todas as suas disciplinas e especialidades, seja um dos mais importantes instrumentos da cultura e do conhecimento. Por isso, invoco o privilégio que é pertencermos a esse grêmio. Aos estudantes universitários de Arquivologia está confiada a missão precípua de compreender, amparar e desenvolver a vocação da cultura, do conhecimento, da preservação e do acesso da informação e da memória pública, privada, individual ou social. Dessa forma, será possível realizar o mais perfeito processo de civilização, que é o de revelar a vocação de um povo através de sua tradição, e o de satisfazê-la (a

essa vocação) mediante a busca de ferramentas e estratégias que possam oferecer transparência aos atos e fatos que envolvem a sociedade civil e a sociedade política registrados nos documentos arquivísticos.

Escolas que tenham por finalidade a formação pura e simples do profissional são indubitavelmente necessárias e merecem todo o estímulo. Ao lado delas, porém, ou melhor, acima delas, como que lhes servindo de cúpula, cumpre manterem-se instituições cujo escopo seja o desenvolvimento contínuo da cultura e do conhecimento, em seu sentido mais amplo. Esse é um aspecto arquitetural da Universidade pública.

Escolas como a nossa, ligadas à informação e a seu melhor e produtivo uso, têm a obrigação de manter viva a tradição das boas humanidades, e é daqui que podem sair e saem os melhores profissionais.

Se as solicitações do mundo de hoje acentuam o primado das exigências econômicas, será do conhecimento que vai depender o desenvolvimento eficaz de quaisquer atividades, mesmo as mais práticas. É que estas não dispensam a ação do elemento humano no trato da informação, cujo treinamento e preparação cabe aos profissionais formados pelas escolas de Arquivologia, entre outras.

O fazer depende sempre e cada vez mais do conhecer. Daí a importância de se colocar, como exigência primacial do soerguimento econômico do Estado, do aprimoramento e sofisticação cultural da sociedade, o exaustivo estudo e a pesquisa minuciosa de nossa realidade.

Para refazer é necessário reaprender. É da difusão do conhecimento e do desenvolvimento da instrução que depende a própria felicidade material de um povo.

Ninguém é ignorante por opção, por que quer. A ignorância somente ocorre como resultado de um alto grau de perversidade social. Essa sim, essa perversidade é imposta e retransmitida por escolha consciente de quem a produz.

Daí a importância do conhecimento. Montaigne diz que o conhecimento deve servir para fortalecer o homem e tornar possível a realização de uma existência superior. De que vale conhecer, se o conhecimento não puder tornar a nossa vida melhor? Dizem que “saber é poder”. Realmente, saber é uma forma de domínio. Mas Schopenhauer, chamado por Nietzsche de “o educador”, ensina que há uma diferença fundamental entre os que procuram conhecer o mundo e as coisas para seu próprio enriquecimento existencial, e os que procuram obter

vantagens e privilégios à custa de um conhecimento que muitas vezes nem possuem. Para os primeiros, o conhecimento é a possibilidade de viver melhor. Para os outros é uma forma medíocre de ostentação. Schopenhauer insiste de que nada adiantam as riquezas e honrarias deste mundo se estamos moribundos. A felicidade depende do que somos e não do que temos ou do que representamos para os outros. Aqueles que buscam a felicidade fora de si mesmos, apenas na posse de bens ou no reconhecimento alheio, ficam dependentes dos caprichos da sorte ou da opinião. Ficam ocupados demais com coisas supérfluas e descuidam do que é mais importante: o seu próprio eu.

Assim, o conhecimento e o pensamento crítico são ferramentas essenciais. E o conhecimento é algo que ninguém, nem nada, sob nenhuma circunstância, consegue abolir depois de adquirido. Quem tem conhecimento, mesmo nos piores momentos, tem mais chances de manter o autocontrole. Ainda que se presencie e eventualmente se sofra alguma injustiça e falta de consideração, o conhecimento contribui para que se mantenha a cabeça erguida e firme e não se entregue a acessos de autopiedade.

Os estudantes de Arquivologia no Brasil vivem uma hora propícia e realizam uma tarefa primordial. Estudantes de universidade pública federal formam, no Brasil, uma espécie de “elite intelectual”. A “gratuidade” do ensino que se ministra nas universidades federais brasileiras deveria assinalar seu sentido democrático. No entanto, é um privilégio. E esse privilégio, em um país tão pobre e carente de educação como o nosso, não pode ser relevado. Não será o nascimento nem a fortuna que agirão como fatores exclusivos de produção de uma elite. Acessível a uns poucos, a simples freqüência de um dos diversos cursos universitários públicos oferece a oportunidade de se distinguir àqueles que maiores aptidões revelarem. E assim tem-se a possibilidade de se substituir, gradativamente, a aristocracia do sangue e do dinheiro pela do trabalho e do conhecimento.

É relativamente comum ouvir-se referências a esse tal privilégio, ao privilégio de se estudar em universidade pública no Brasil. Pois vou tentar demonstrar a que privilégio estou me referindo. Apresentarei para isso alguns números que me pareceram significativos.

Os dados de 2009 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação do Brasil - MEC) registram que um pouco mais de 5 milhões de alunos fazem cursos de

graduação em uma das 2.600 instituições de ensino superior. Esses alunos representam, assim, 2,6 % de uma população de 190 milhões de brasileiros.

Desses 5 milhões de alunos, 2 milhões e 600 mil estudam em Universidades, ou seja, 54%, ou seja, pouco mais da metade. A outra metade estuda em faculdades (34%) e centros universitários (14%). Dessas universidades, 52 % são universidades públicas e 48% são universidades privadas. Grosso modo, podemos dizer que dos 2 milhões e 600 mil que estudam em Universidades, um milhão e 350 mil estudam em universidade públicas. Desses um milhão e 350 mil, a metade estuda em universidades federais, ou seja, 675 mil estudantes de universidades federais.

Parece um número grande, mas se compararmos com o total da população, significa que apenas 0,35% da população brasileira estudam em universidades federais. E mesmo assim, nessa rede federal, dois terços (66%) não se formam no tempo padrão. E do total de estudantes universitários, 55% dos estudantes de graduação de nível superior não concluem cursos.

Espero ter demonstrado, ainda que superficialmente, a que me referia quando disse que estudantes de universidades públicas federais no Brasil são privilegiados. Assim, partícipes desse privilégio, penso que os estudantes de arquivologia da UNIRIO, desde já, podem devolver à sociedade pelo menos parte desse privilégio. Sim, por que esse privilégio é sustentado pelo conjunto da sociedade que paga impostos, taxas e tributos.

E como é possível devolver parte desse privilégio?

Atuando de forma ética, com responsabilidade e com o mais profundo respeito ao trabalho de milhões de pessoas que não tiveram o privilégio de estudar em uma universidade pública, mas que, mesmo assim, são as que, em última análise, sustentam tal privilégio. Mais especificamente, por exemplo, freqüentando as aulas, estudando os textos das disciplinas e participando das atividades rotineiras do curso.

Os estudantes de Arquivologia da UNIRIO, uma universidade pública federal, são, portanto, parte dessa elite. Até não seria preciso lembrar a gravidade do papel que tais estudantes devem desempenhar no aprimoramento social, mas me parece oportuno fazê-lo. Aqueles que se dispuserem a seguir até o fim o curso de Arquivologia, manifestam um traço de distinção singular: o da fidelidade a um propósito. Nessa circunstância, é importante manter uma postura crítica, que

possibilite examinar bem possíveis posições conflitantes, para que se possa avaliar o significado de cada uma delas e os interesses que representam, bem como as conseqüências decorrentes. Estaremos, assim, construindo um país melhor, mais ético, mais democrático.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 2011.

*\* Professor Sérgio Conde de Albite Silva – UNIRIO  
albite@uninet.com.br*

## **A UNIÃO VIRTUAL FAZ A FORÇA**

*\*Por Patrick D. Ribeiro*

Vivemos em um mundo onde as barreiras espaciais foram praticamente abolidas pela velocidade vertiginosa das modernas redes de comunicação, especialmente da internet, que é atualmente um dos maiores, senão o maior veículo comunicacional criado pelo ser humano. Dados de diversos formatos e tamanhos são transmitidos por milhares de quilômetros em poucos segundos, transformando-a em uma extensa rede de fenômenos sociais, culturais e econômicos.

Não cabe neste artigo explicar a origem e evolução da Internet, desde seus primórdios nos laboratórios de pesquisa até a configuração que ela ocupa na sociedade contemporânea, mas sim apontar como ela se tornou praticamente uma extensão do mundo físico, servindo como uma representação fidedigna dos fenômenos que ocorrem nas esferas sociais e como ela se torna um importante veículo de integração de grupos sociais, dando destaque nesse texto os novos alunos ingressos em qualquer curso de graduação.

Obviamente que seria inadequado mostrar essa nova de integração sem destacarmos as chamadas redes sociais, com destaque para o Orkut e o Facebook, as ferramentas mais famosas no território brasileiro, e provavelmente mundial. Tais redes possuem milhares de usuários registrados, formando verdadeiras comunidades virtuais, conseqüentemente resultando em representações virtuais de diversos cursos de graduação, compostos pelos alunos pertencentes ao seu corpo.

Todos nós que já fomos ou somos alunos, sabemos que a entrada na universidade é uma experiência única, ao mesmo tempo gerando um misto de ansiedade, alegria e também terror, por estar entrando em um ambiente estranho, com pessoas que por alguns meses irão ser totalmente

indiferentes, ou pelo menos fingir ser, à sua turma. É uma questão cultural, que já faz parte da grande maioria dos cursos de graduação; alunos novos são chamados de “calouros”, e com essa alcunha, vem também a questão da hierarquia e relações com os demais membros de um determinado curso.

Claro que não estamos falando de uma segregação radical, mas sim de um rito de iniciação que já assumiu essa característica hierárquica, mesmo que simbólica, dos estudantes que acabaram de ingressar na universidade. Um dos únicos recursos para esse grupo é se unir e permanecer dessa forma até que dure toda essa iniciação, especialmente para aos poucos ir se interagindo dos eventos ao seu redor.

Nesse contexto, as redes sociais acabam desempenhando um papel importante para proporcionar uma maior integração desses novos alunos. A internet possui a característica de ser um espaço onde distancias não são um impecilho, facilitando a comunicação de alunos que moram em lugares distantes e também do fator psicológico relativo à identidade, tornando-se um espaço onde as pessoas podem ser elas mesmas, sem julgamentos de comportamento, onde até os mais tímidos conseguem uma interação melhor com seus semelhantes.

Enfim, é importante destacar esse valor agregado a esses novos estudantes, e como estas redes acabam se tornando um local onde se pode trocar informações diversas, com trabalhos de grupo, discussões de aulas, e também da criação de novas relações de amizade, de forma que tais indivíduos se sintam mais seguros e “distantes” do estereótipo recebido assim que ingressam ao curso.

*\*Por Patrick D. Ribeiro*

*Formado em Arquivologia pela Universidade Federal  
do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação – IBICT/UFRJ*

## **RAPIDINHAS**

**XV ENEARq 2011**

Desta vez, o Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia acontecerá na Paraíba, entre os dias 18 e 23 de julho de 2011, e será realizado na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

As inscrições vão de R\$ 50,00 a R\$ 100,00. Isso para quem não é estudante da UEPB. Fiquem ligados, pois o envio de resumo é válido até o dia 16/4/2011.

Para mais informações, acesse o Blog do evento: <http://xvnearq.blogspot.com/>

Fonte: <http://xvnearq.blogspot.com/>

## **I CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA (CBPD)**

De 18 a 20 de maio de 2011 – Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro

O I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, tem como proposta ser um evento bienal, que congrega arquivistas, pesquisadores, técnicos de arquivo, estudantes de Arquivologia, Letras, História e demais profissionais interessados nas questões que abrangem as informações contidas nos documentos de arquivos, trata das normas para sua transcrição, análise da autenticidade dos documentos e é essencial para os arquivos e a sociedade do conhecimento e da informação.

A primeira edição será realizada em 2011, na cidade de Campos dos Goytacazes, organizada pela Associação Cultural do Arquivo Público em conjunto com a AAERJ, com apoio da UNIRIO e Arquivo Nacional e instituições públicas e privadas. Essa primeira edição do CBPD é uma das atividades previstas na comemoração dos dez anos de funcionamento do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes.

Na Plenária final será definida a cidade onde ocorrerá a próxima edição do Congresso.

A Paleografia e a Diplomática são disciplinas de grande importância nos cursos de História, Letras, Museologia, Biblioteconomia, Arquivologia e Documentação.

Em breve, as informações completas de inscrição e da programação do I CBPD.

Informações iniciais no site oficial: <http://www.paleografia.arquivista.net>

Fonte: <http://www.aaerj.org.br/>

## **EM HOMENAGEM AO DIA DO TRABALHADOR**

O Dia do Trabalho é comemorado em 1º de maio. No Brasil e em vários países do mundo é um feriado

nacional, dedicado a festas, manifestações, passeatas, exposições e eventos reivindicatórios.

A História do Dia do Trabalho remonta o ano de 1886 na industrializada cidade de Chicago (Estados Unidos). No dia 1º de maio deste ano, milhares de trabalhadores foram às ruas reivindicar melhores condições de trabalho, entre elas, a redução da jornada de trabalho de treze para oito horas diárias. Neste mesmo dia ocorreu nos Estados Unidos uma grande greve geral dos trabalhadores.

Dois dias após os acontecimentos, um conflito envolvendo policiais e trabalhadores provocou a morte de alguns manifestantes. Este fato gerou revolta nos trabalhadores, provocando outros enfrentamentos com policiais. No dia 4 de maio, num conflito de rua, manifestantes atiraram uma bomba nos policiais, provocando a morte de sete deles. Foi o estopim para que os policiais começassem a atirar no grupo de manifestantes. O resultado foi a morte de doze protestantes e dezenas de pessoas feridas.

Foram dias marcantes na história da luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho. Para homenagear aqueles que morreram nos conflitos, a Segunda Internacional Socialista, ocorrida na capital francesa em 20 de junho de 1889, criou o Dia Mundial do Trabalho, que seria comemorado em 1º de maio de cada ano.

Aqui no Brasil existem relatos de que a data é comemorada desde o ano de 1895. Porém, foi somente em setembro de 1925 que esta data tornou-se oficial, após a criação de um decreto do então presidente Artur Bernardes.

Fatos importantes relacionados ao 1º de maio no Brasil:

- Em 1º de maio de 1940, o presidente Getúlio Vargas instituiu o salário mínimo. Este deveria suprir as necessidades básicas de uma família (moradia, alimentação, saúde, vestuário, educação e lazer)

- Em 1º de maio de 1941 foi criada a Justiça do Trabalho, destinada a resolver questões judiciais relacionadas, especificamente, as relações de trabalho e aos direitos dos trabalhadores.

Fonte:

[http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia\\_do\\_trabalho.htm](http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_do_trabalho.htm)

## **MONOGRAFIAS, SAIAM DAS GAVETAS!**

Sem enrolar: estamos convidando a TODOS! que estão concluindo ou concluíram o curso

recentemente a nos enviar um artigo, de no máximo duas laudas, sobre o assunto tratado em suas monografias.

Portanto, contribuam com o nosso jornal e exponham suas monografias aos leitores da área de Arquivologia. Vamos lá, participe!

## INFORMARQUIVO

Olá Galera!

Vamos a mais uma edição do Inspiração Miscelânea com parceria do DACAR UNIRIO e temos mais notícias para dar.

Conseguimos o ônibus para o I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, que será realizado em Campos, entre 18 e 20 de Maio. Quem quiser ir no ônibus da UNIRIO deve enviar **nome completo, RG, matrícula e curso** para [dacarunirio@gmail.com](mailto:dacarunirio@gmail.com). É bom correr porque o ônibus foi disponibilizado para outros cursos interessados no tema. Quem quiser saber mais sobre hospedagem pode perguntar ao DACAR também.

Outra grande novidade é a venda dos seguintes livros na sala do DACAR. Os número de exemplares é limitado.

Publicação	Preço
Noções de Paleografia e de Diplomática	R\$ 20,00
Gestão de Documentos Eletrônicos: uma visão arquivística	R\$ 35,00
A Medicina na Era da Informação	R\$ 50,00
Arquivologia: sua trajetória no Brasil	R\$ 60,00
Documento em Revista	R\$ 15,00

Também será lançada a campanha para a criação da logo ou a mascote do Diretório. Fiquem de olho no mural e no blog.

Os interessados em comprar camisas do curso devem procurar os membros do DA para maiores informações. A princípio, as camisas custarão R\$15,00 e poderão contar com uma frase a sua escolha (ver frases nos meios de comunicação do

DACAR). Você também pode mandar e-mail pedindo sua camisa.

Serão vendidas rifas para um MP4 de 4 GB. Aqueles que venderem trinta rifas ganharão um ingresso para o Churrasco do Curso de Arquivologia a ser realizado em data a definir. Os que tiverem interesse procurem o DACAR por e-mail ou pessoalmente.

Por enquanto, é só e até mais!

*Diretório Acadêmico de Arquivologia José  
Pedro Esposel  
Gestão Movimentação – 2011*

## INTERAÇÃO COM O LEITOR

Mande sua mensagem, crítica ou sugestão para o e-mail:  
[inspiracaom@gmail.com](mailto:inspiracaom@gmail.com)

Obs.: Este espaço é destinado a textos curtos. Caso queira nos enviar um artigo, crônica, poesia, etc. leia antes a nossa linha editorial no site:

<http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Aguardamos a sua participação!



CHARGE

